

Estado de Mato Grosso
Secretaria de Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

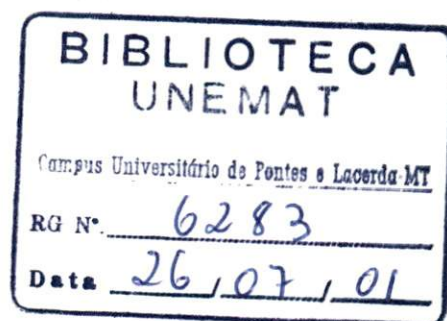
**“Substantivo: uma tensão necessária entre a paráfrase e a
polissemia ”**

821
C 92.56.94 78

811.134.3'36

Amarildo Rosa Pereira

Q436D



Pontes e Lacerda
Julho - 2001

1990 - 2000
Pontes e Lacerda



Amarildo Rosa Pereira

Boissacem

Substantivo: uma tensão necessária entre a realidade e a

Departamento de Letras
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Universidade do Estado de Mato Grosso
Secretaria de Estado de Educação
Estado de Mato Grosso

“Substantivo: uma tensão necessária entre a paráfrase e a polissemia”

Ensaio monográfico apresentado para
conclusão do Curso de Letras, junto ao
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
MT

Pontes e Lacerda – MT
Julho - 2001

VII

Colégio Universitário de Pontes e Lacerda
conclusão do Curso de Letras, curso de
Língua Portuguesa apresentado por

bolsoeiro.

Subsídio: uma tensão necessária entre a realidade e a

“e se a gente se dissesse que nada tem muita importância , que basta se habituar ou fazer os mesmos gestos de uma forma sempre idêntica , aspirando somente à perfeição plácida da máquina? Tentação da morte . Mas a vista se revolta e resiste. A vida: um gesto mais rápido, um braço que pende inoportunamente, um passo mais lento, um sopro de irregularidade; tudo o que faz com que nesse irrisório quadrado de resistência contra a eternidade vazia que é o posto do trabalho , que haja ainda um tempo , mesmo monstruosamente estirado .Esse desajeito desse deslocamento supérfluo, essa aceleração súbita, essa mão que retoma a vida que se liga . Tudo o que , em cada um dos homens da cadeia , urra silenciosamente: **Eu não sou uma máquina**”

(R. Linhart)

Dedicatória

A minha esposa : Joana D'arc Rodrigues Barbosa

A minha mãe : Irene Ferreira Rodrigues

Por serem pessoas especiais, que estiveram sempre ao meu lado, sempre demonstrando enorme compreensão, e mesmo diante das minhas ausências sempre souberam superá-las e continuaram me apoiando, incentivando-me em todos os momentos desta trajetória.

Agradecimentos

Em primeiro lugar a Deus, pela força que me concedeu, pela coragem que me transmitiu, permitindo superar os obstáculos.

A minha orientadora, Professora Marlene Flores, que com paciência acompanhou e incentivou os passos deste trabalho.

com paciência acompanhamento e incentivo os passos deste trabalho.

A minha orientadora, Professora Márcia Flores, por

orientações.

conceder-me a coragem que me permitiu enfrentar o

Em primeiro lugar a Deus, pela fé que me

Agradecimentos

Sumário

Apresentação	07
A língua do indivíduo ao social	09
Momentos diferentes do substantivo	11
A pedra "no meio do caminho"	16
Considerações finais	20
Referências bibliográficas	21
Anexos	22

Notas.....	75
Referências bibliográficas.....	81
Considerações finais.....	90
A letra „no meio do caminho“.....	100
Momentos diferentes do substantivo.....	111
A língua do indivíduo ao social.....	120
Apresentação.....	123

Apresentação

A ciência que se constitui em torno dos fatos da língua começou segundo SAUSSURE por fazer o que se chamava *gramática*, este estudo foi inaugurado pelos gregos e continuado parcialmente pelos Franceses .

Já nesta época a gramática se assemelhava a gramática que nos conhecemos hoje, pois era baseada na lógica e não se interessava pela língua, tendo como meta principal formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas, ou seja, era uma disciplina normativa e que se afastava do campo da observação .

Logo após surgiu a filologia em Alexandria mas não tinha como único objeto de estudo a língua, esta ciência se preocupava com o estudo de textos e também com a história literária . Ela foi considerada falha por se apegar muito servilmente a língua escrita esquecendo-se da língua falada.

Segundo Saussure a língua não se apresenta como um conjunto de signos delimitado no qual só a atenção e o hábito nos podem fazer encontrar os elementos particulares . Pensando justamente nestas colocações de Saussure e na seguinte fala de Platão , *O nome é a representação do objeto e esta representação é denominada de substantivo*, isto é o que me proponho analisar dentro do poema, *No meio do caminho tinha uma pedra*, de Drummond de Andrade o substantivo *Pedra* em especial, pois a gramática sempre foi um dos fatores preocupantes durante a minha passagem pelo curso de letras, uma vez que saí do ensino médio sem conseguir diminuir o meu grande temor provocado pela falta de entendimento de gramática , ao longo do meu curso minhas dúvidas foram se dissipando aos poucos, até o momento em que percebi que alguns fragmentos duvidosos ainda pairavam no meu saber. Foi mediante estas observações que resolvi buscar um maior conhecimento, pois imagino que desta forma estarei abrindo um grande precedente para esclarecer minhas dúvidas, pois, os subentendidos do discurso nos levam a crer que os sentidos podem claramente assumir várias formas e portanto dar ao enunciado várias interpretações. Muitas vezes o enunciador diz uma coisa, e dependendo do lugar ou do sentido compreende-se outra, isto nos leva a perceber que o fator de dizer uma coisa para dar a entender outra, nos possibilita constatar que uma frase pode compartilhar de ambigüidade ou duplicidade de sentidos podendo ou não assumir um papel polissêmico. Na verdade saber o sentido de uma frase é ser capaz em circunstâncias determinadas, de dizer se a enunciação é verdadeira ou falsa , este fato se deve ao fundamento real em semelhança de significação das palavras ou das construções gramaticais.

Mediante estas inúmeras alternativas de interpretações e dentre as várias teorias, estaremos buscando mecanismos para abordar o substantivo não só gramaticamente, como também, semanticamente, uma vez que é importante para nós fazermos a distinção entre o sistema de sinais e cada execução circunstanciada deste sistema, enfim, entre língua falada e escrita.

Devemos observar que quando falamos emitimos sons, que traduzem padrões fônicos mentais, sons estes que são ilimitados e em termos articulatórios nunca são exatamente iguais. Por outro lado, quando escrevemos desenhamos letras, que traduzem modelos gráficos que em linguagem técnica chamamos grafemas ou grafia. Na grafia não há a flexibilidade e variação que é possível à fala, justamente essas dificuldades que foram observadas e evidenciadas acima, são comuns nas salas de aula, sendo assim nosso objetivo é através da análise do substantivo, possibilitar justamente a esses alunos, que saibam de onde vem esse repúdio sustentado pela grande maioria, pois, a maioria dos alunos saem do segundo grau sem ter um bom domínio das técnicas normativas, o que para nós não é normal, pois isso nos evidencia que algo não anda bem com o processo gramatical.

Mediante estas mesmas alternativas de interpretação, porém, os alunos
podem estabelecer baseado nos mesmos para abordar o substantivo não só gramaticalmente,
como também, semanticamente, uma vez que é importante para nós fazermos a distinção entre a
função de sinais e cada execução circunstanciada deste sistema, então, entre língua falada e
escrita.

Devemos observar que quando falamos emitimos sons, que traduzem palavras
fônicas mentais, sons estes que são limitados e em termos articulatórios nunca são
exatamente iguais. Por outro lado, quando escrevemos desenhamos letras, que traduzem
modelos gráficos que em linguagem técnica chamamos grafemas ou grafia. Na grafia não há a
flexibilidade e variação que é possível à fala, justamente essas dificuldades que tornam
observadas e evidenciadas acima são comuns nas salas de aula, sendo assim nosso objetivo é
analisar da análise do substantivo, possibilitar justamente a esses alunos, que sabem de certo
que esse repêito suscitado pela grande maioria, pois a maioria dos alunos sabem do segundo
que sem ter um bom domínio das técnicas normativas, o que para nós não é normal, pois isso
nos evidencia que algo não anda bem com o processo gramatical.

A LINGUA DO INDIVIDUO AO SOCIAL

A língua é ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem é um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. *Em seu todo, a língua é multiforme e heteroclita; a cavaleiros de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos* (Saussure, 1999:22). Daí precede esta convicção largamente divulgada é ela própria inconsciente como tudo o que diz respeito à linguagem de que pensar e falar são duas atividades distintas por essência, que se conjugam pela necessidade prática da comunicação, mas que têm cada uma o seu domínio e as suas possibilidades independentes, consistindo as da língua nos recursos oferecidos ao conhecimento para o que chamamos a expressão do pensamento.

Podemos definir que a língua não tem menos importância que a fala, ela é um objeto de natureza concreta, o que nos leva a descobrir que a língua, assim delimitada, no conjunto dos fatores de linguagem é classificável entre os fatos humanos, enquanto a linguagem não é. É justamente por ter a língua característica social e por ser um sistema de signos que exprimem idéias, que podemos compara-la, a escrita, ao alfabeto e aos ritos.

Na verdade a língua é a soma do que as pessoas dizem, e compreendem. Pelo estudo destas variações é responsável a lingüística externa que estuda todos os elementos que influenciam a língua. São esses elementos externos que determinam e condicionam os fatores internos. A língua para quem entende dos elementos externos com certeza diria que, quem faz a língua é o povo, e que ela se rebela contra o sistema interno, não se efetivando com isto uma língua errada, mas sim, variações lingüísticas.

A língua deve ser observada também como um fato social, pois é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana. Na realidade tudo é psicológico na língua, inclusive suas manifestações materiais e mecânicas, a verdade é que a maioria das teorias psicológicas incorporou uma visão naturalista e positivista do homem e de seu meio.

Entre homem e meio há uma interação social, que insere o homem dentro do meio e torna o meio comum a ele. Esta questão de interação social enfrenta uma problemática que está intimamente relacionada à maior ou menor ênfase colocada no polo *indivíduo*, perspectiva biológica, ou no polo *meio*, perspectiva sociológica. A perspectiva biológica,

ligada ao modelo naturalista acabou conduzindo a uma concepção do homem em termos de simples organismo, deixando de lado a sua especificidade humana, sendo que quanto a sociedade este modelo levou a conceber a língua como uma organização semelhante à de um organismo e sua natureza histórica e cultural.

No entanto as diferentes concepções que as variadas teorias têm do homem e do seu meio acabam afetando a maneira como essas concepções entendem interação social. Isto nos leva a observar que o uso do termo social para dar qualidades a interação só faz sentido quando é usado para conotar uma situação social, ou seja, constituídas por indivíduos que interagem, sejam humanos ou animais, mas por outro lado se o significado for atribuído a língua e não a interação, o termo *social* pode denotar um *fato social* com a natureza social.

Estes fatos nos levam a concluir que é a linguagem que vai diferenciar a homem do animal, não o raciocínio, isto pressupõe que a diferença fundamental entre a concepção sócio-histórica e a de outras correntes teóricas está no seu pressuposto de partida, em outras palavras ela é social pela natureza do homem.

... e, assim, a ideia de sociedade varia de acordo com o contexto

em que se encontra e a que outras concepções teóricas dela no seu desenvolvimento de partida em outras

partes dela nos levam a concluir que é a mudança das suas diferenças fundamentais e a mudança

dele e não a diferença: o termo sociedade pode designar, num determinado contexto, uma sociedade

particular, segundo princípios ou princípios, mas não, onde isso se o significado for utilizado e

quando é usado para designar uma sociedade, ou seja, comunidades de indivíduos que

nos leva a observar que o uso do termo sociedade varia de acordo com o contexto e a diferença de

que se pode assumir quando se utiliza como essas concepções diferentes de sociedade: por

MOMENTOS DIFERENTES DO SUBSTANTIVO

Tudo o que existe possui um nome. O conhecimento da realidade está intimamente ligado ao conhecimento dos nomes das coisas que a formam. Segundo a Gramática Normativa, substantivo é palavra variável em gênero, número e grau que dá nome aos seres em geral, isto é, a palavra nome ou pronome, que na oração pode funcionar como núcleo do sujeito ou do objeto direto. Podemos classificar como substantivo o nome de pessoas, o nome de objetos, lugares, vegetais e também o nome de ações, qualidades e estados.

São substantivos os nomes de pessoas, objetos, lugares, animais vegetais; sapato, caderno, Lúcia, aluna, Roma, Florianópolis, cachorro, rex, rosa, bananeira, etc. É o nome das ações, qualidades e estados, quando tomados como seres (Luft, 1990: 10)

Os substantivos quanto a sua formação podem ser primitivo, derivado, simples e composto. O substantivo é primitivo quando não provém de outra palavra, ou seja, tem sua própria estrutura. Já os substantivos derivados são aqueles que provém de outras palavras, na verdade para a sua existência os derivados precisam de outro radical. Segundo Ernani e Nicola o substantivo é considerado simples quando possui um único radical e em geral recebe uma classificação que o diferencia. Os substantivos são concretos quando estamos falando de alguma coisa que se pode imaginar ou que se tenha a imagem da figura. Substantivos concretos são os que se referem a seres materiais ou espirituais, reais ou fictícios: Ex: cão, . (Câmara J.R. 1964: 12)

Já os substantivos abstratos são os que dependem dos outros seres, ou seja, não tem existência própria. Abstrato—quando designa qualidades ou ações tomadas como seres que por não terem existência própria, sempre se apoiam em outros seres. Os substantivos abstratos são resultados das transformações de verbos mais especificamente os de ação, principalmente, acrescido de um sufixo: (branco + ura; admira + - ação) . Os substantivos abstratos são transformações de adjetivos (os de qualidades) ou de verbos (os de ação) mediante sufixação. (Luft 1990: 36)

Entre os substantivos comuns devemos destacar os substantivos coletivos, que representam um conjunto de seres de uma mesma espécie ou categoria, mesmo na sua forma

relacionam-se em conjunto de seres de uma mesma espécie em categorias mesmo na sua forma

Então os substantivos comuns designam pessoas, coisas, os substantivos próprios que designam

particularidades de seres (os de particularidades) ou de seres (os de seres) mediante acrescento de um sufixo (pessoa + m.ª, animal + -ção). Os substantivos próprios são designados das particularidades de seres numa especificamente os de seres' principalmente, por não terem existência própria, sempre se abstrai em outros seres. Os substantivos próprios tem existência própria, portanto quando designam particularidades ou seres tomados como seres que já os substantivos próprios são os que dependem dos outros seres, ou seja, não existem. Ex: cão'. (Gramma 1B 1994: 13)

Substantivos concretos são os que se referem a seres materiais ou espirituais, mas em relação de alguma coisa que se pode imaginar ou que se tem a noção de alguma coisa mais específica que o indivíduo. Os substantivos são concretos quando exprimem coisa o substantivo é considerado simples quando possui um único sentido e em geral sempre há a sua existência os designados precisam de outro radical. Segundo Gramma e própria Gramma já os substantivos designados são aqueles que possuem de outras palavras no conjunto. O substantivo é próprio quando não possuem de outra palavra ou seja, tem sua

Os substantivos designam a sua formação podem ser próprios, designados, simples e

particulares e simples, quando tomados como seres. (Gram 1990: 10)
 substantivo, m.ª, nome próprio etc. É o nome dos seres, pessoas, coisas, lugares, etc. Ex: homem, mulher, criança, etc. Substantivos são substantivos os nomes de pessoas, objetos, lugares, etc.

nome de objetos, lugares, pessoas e sempre o nome de seres, particularidades e coisas, de modo ou de objeto físico. Podemos classificar como substantivo o nome de pessoas, coisas, lugares, isto é, a palavra nome ou pronome, que na língua pode funcionar como sujeito, nome, substantivo e palavra adjetivo. Em geral, nome e pronome são os nomes propriamente ligados ao conhecimento das coisas que a formam. Segundo a Gramma: Tudo o que existe possui um nome. O conhecimento da realidade é

MOMENTOS DIFERENCIAIS DO SUBSTANTIVO

gramatical do singular, o substantivo coletivo traduz idéia de pluralidade de indivíduos. Os substantivos se flexionam em gênero, número e grau, quanto ao gênero eles se subdividem em dois gêneros gramaticais: O masculino e o feminino. Um detalhe importante é que devemos observar e não confundir gênero com sexo. O gênero é gramatical, mostra se a palavra pertence ao gênero masculino ou feminino.

Com relação ao número, os substantivos podem apresentar-se no singular ou no plural, os substantivos contáveis comportam a oposição singular plural; o singular pode também exprimir conjuntos de mais de um ser que se tomam como um todo nos substantivos ditos coletivos.

Quanto ao grau os substantivos admitem uma variação que nos permite indicar a variação de tamanho, podendo este ser aumentado ou diminuído, em sentido restrito é a categoria do adjetivo. *Além do grau normal o substantivo pode aparecer no grau aumentativo ou diminutivo.* (Ernani e Nicola, 1995:16)

Esta variação do substantivo pode ser feita através de acréscimo de sufixos que indiquem a diminuição ou aumento de tamanho, ou seja, é o que pode ser chamado de aumentativo e diminutivo sintético, por outro lado, se incluirmos ao substantivo um adjetivo que de certa forma possam indicar o aumento ou a diminuição, teremos o aumentativo e o diminutivo analítico.

Agora partindo para um outro momento teórico, deixando de lado as normas e buscando relacionar os sentidos, discorreremos sobre a semântica, cuja definição mais geral é a de que ela se ocupa do sentido, parece devir, antes de tudo, da linguística e da lógica: a palavra semântica apareceu no fim do século XIX, mas o que ela designa remete tanto as preocupações mais antigas dos filósofos e gramáticos quanto às pesquisas linguísticas recentes, que é a semântica (*interpretativa ou gerativa*). O que designamos pelo termo Semântica, faz parte da disciplina linguística de maneira distinta da fonologia, da morfologia ou da sintaxe e constitui um ponto de retorno da filosofia nessa disciplina, isto evidentemente não significa que a semântica não tenha *nada a ver* com a linguística.

Semanticamente o emprego de um substantivo indica sempre a existência de um pressuposto de unicidade ou pelo menos um pressuposto de existência, a discussão sobre o substantivo leva como se vê a justificar semanticamente a distinção explicitada pela primeira vez pelos gramáticos da idade média, do adjetivo e do substantivo. Isto nos parece exprimir uma intuição lingüística nesta teoria lógica que é a idéia de que os nomes, em pelo o menos

alguns empregos são ambíguos. *Para Ducrot esta idéia tem função de constituir um universo de objetivos no interior do qual operam em seguida vários atualizadores.*

Na realidade são os nomes que dizem em suas várias utilizações o que deve realmente contar como um ser, e é justamente isto que importa para a verdadeira definição do pressuposto de existência, estar intimamente ligado com todos os atualizadores. O nome funciona não como nome de uma propriedade atribuída a este ou aquele indivíduo do mundo, mas como o nome de uma classe na qual opera a quantificação o que constitui a partir disso uma parte integrante do universo em que o discurso está inserido.

Segundo Ducrot pode se concluir que o nome, empregado substantivamente, institui sempre, para fazer dele a moldura do diálogo, um mundo de objetos, o que equivale, segundo nossa definição do pressuposto, a dizer que o nome pressupõe a realidade de um mundo desse tipo.

A Semântica observa o substantivo e seus pressupostos existenciais de modo que com frequência as indicações existenciais (existência + unicidade) veiculadas pelas descrições definidas, tem sido notado: todo emprego substantivo de um nome acarreta se não um pressuposto de unicidade pelo menos um pressuposto de existência. A Semântica aborda o emprego do substantivo quanto a um termo catalogado na gramática tradicional como adjetivo ou substantivo precedido por um atualizador.

Este atualizador segundo Ducrot entendemos arbitrariamente por aquilo que se chama *determinante* na gramática ou *predeterminante* em algumas escolas modernas. Semanticamente pode se concluir que o nome empregado substantivamente, institui sempre, para fazer dele a moldura do diálogo, *é sempre possível por certo, dizer que o conjunto de objetos cuja existência o substantivo pressupõe é designado.* (Ducrot, 1972:32)

Precisamos lembrar que designar algo pode tornar se equivalente a tomar esse algo como existente, na verdade isto passa significar que a sua existência se torna o fundamento do discurso o que finalmente nos mostra que empregar um substantivo é pressupor que esse algo exista. *O nome pode ser considerado Semanticamente como um elemento necessário de qualquer demonstração. O ato da demonstração só se completa graças à presença de um nome, necessário para delimitar o objeto indicado.* (Ducrot, 1972:31)

Percebemos, também, que semanticamente as sentenças subordinadas podem ser substituídas, sem prejuízo para o valor de verdade do todo, por uma sentença que tenha o mesmo valor de verdade, no entanto depois de ter desenvolvido esse ponto, dizemos que essa substituição pode ser superada sem prejudicar a verdade da proposição total. *Estas sentenças*

algumas vezes por não ambíguos para falar esta coisa não ligada ao contexto da
universo de objetos no interior do qual operam em seguida vários atalizadoros.

Na realidade são os nomes que dizem em suas várias utilizações o que deve
realmente contar como um ser, e é justamente isto que importa para a verdadeira definição do
pressuposto de existência, estar intimamente ligado com todos os atalizadoros. O nome
funciona não como nome de uma propriedade atribuída a este ou aquele indivíduo do mundo
mas como o nome de uma classe na qual opera a quantificação o que constitui a partir disso
uma parte integrante do universo em que o discurso está inserido.

Segundo Ducrot pode se concluir que o nome empregado substantivamente
sempre para fazer dele a moldura do diálogo, um mundo de objetos, o que equivale
segundo nossa definição do pressuposto, a dizer que o nome pressupõe a realidade de um
mundo desse tipo.

A Semântica observa o substantivo e seus pressupostos existenciais de modo
que com frequência as indicações existenciais (existência + unicidade) veiculadas pelas
descrições definidas, tem sido notadas: todo emprego substantivo de um nome acarreta se não
um pressuposto de unicidade pelo menos um pressuposto de existência. A Semântica aborda o
emprego do substantivo quanto a um termo catalogado na gramática tradicional como adjetivo
ou substantivo precedido por um atalizador.

Este atalizador segundo Ducrot entendemos arbitrariamente por aquilo que se
chama determinante na gramática ou predeterminante em algumas escolas modernas.
Semânticamente pode se concluir que o nome empregado substantivamente, instintivamente
para fazer dele a moldura do diálogo, é sempre possível por certo, dizer que o conjunto de
objetos cuja existência o substantivo pressupõe é designado. (Ducrot, 1972:32)

Precisamos lembrar que designar algo pode tornar se equivalente a tornar este
algo como existente, na verdade isto passa significar que a sua existência se torna o
fundamento do discurso o que finalmente nos mostra que empregar um substantivo é pressupor
que esse algo exista. O nome pode ser considerado semanticamente como um elemento
necessário de qualquer demonstração. O ato da demonstração só se completa graças à
presença de um nome, necessário para delimitar o objeto indicado. (Ducrot, 1972:31)

Percebemos, também, que semanticamente as sentenças subordinadas podem ser
substantivas, sem prejuízo para o valor de verdade do todo, por uma sentença que tenha o
mesmo valor de verdade, no entanto depois de ter desenvolvido esse ponto, dizemos que esse
substantivo pode ser superada sem prejudicar a verdade da proposição total. Estas a verdade

subordinadas não têm um sentido tão simples, quase Sempre, ao que parece aos pensamentos principais que exprimimos. (Frege in: Pêcheux, 1995: 45)

O fato é que para cada enunciado, tem que prever a infinidade de significações que lhe dá uma infinidade de contextos possíveis, isto significa, que as circunstâncias da elocução só entram em jogo, para explicar o sentido real da ocorrência particular de um enunciado, independente de qualquer contexto. Para os Semantistas o nome permite constituir o objeto, enquanto o adjetivo distingue um objeto já constituído de outro, ou seja torna se mais fácil interpretar a diferença do comportamento entre estes e diante de um grupo "XY" onde "X" é um nome e "Y" um adjetivo, com isso podemos admitir que o nome faz parte de maneira tão necessária quanto o gesto do ato de demonstração, isto nos leva a entender por *universo mostrado*, não somente a região do espaço em direção a qual o gesto orienta a atenção dos que se situam neste local.

Podemos acrescentar agora que a designação nada mais faz, nesses casos, do que explicitar a demonstração, e que suas indicações existenciais são exatamente o que torna possível a demonstração. (Oswald Ducrot, 1972:22)

A conclusão que podemos chegar é que a reunião de demonstrativos* e dos definidos numa mesma categoria acaba escondendo a diferença que existe entre as maneiras de se chegar ao objetos. O demonstrativo não apresenta por si seu objeto: apenas atrai a atenção para um gesto de demonstração. Estas características nos remete a perceber que a linguagem é vista como uma entidade histórica, instrumento de intercomunicação social e de expressão cultural. Segundo Maria Helena Duarte Marques *as alterações Semânticas seriam frutos das mudanças históricas que atuam na comunidade. (Duarte, 1999:13)*

Meillet classifica as inversões Semânticas em três: linguísticas, históricas, e sociais; todas segundo ele decorrente de fatores ligados a imprecisão intrínseca do sentido das palavras, a perda progressiva da consciência de suas origens etimológicas e a descontinuidade do processo de transmissão da linguagem. De um modo geral, *mantém-se no estudo das modificações de sentido das palavras, a orientação tradicional de levar em conta os resultados da comparação de significados de palavras. Incluem se as alterações de sentido em três grupos: restrição, extensão e transposição de significados.*

*Os demonstrativos e definidos a que me refiro são na realidade os pronomes da gramática normativa que nós geralmente usamos para substituir os nomes.

*No âmbito da transposição ou transferência de significados ,
juntavam-se palavras que por influência de processos variados ,
mostravam novos significados, numa gama diversificada de planos
conceituais. (Marques,1999:56)*

Para Roudt essa alteração Semântica é resultado de fenômenos psíquicos sempre presentes na busca de meios lingüísticos mais adequados à expressão de idéias e sentimentos.

Podemos dizer resumidamente, que o substantivo quando é analisado do ponto de vista da Gramática normativa , é analisado como uma palavra solta sem ligação com o contexto, e o que importa é a palavra e sua classificação. Já do ponto de vista semântico temos que analisar todo o enunciado levando em conta os pressupostos e possíveis interpretações que aquele determinado contexto possa ter.

em um determinado contexto possa ter

que significa todo o enunciado relativo em termos de pressuposto e possíveis inferências que
contexto' e o que importa é a palavra e sua classificação. Já do ponto de vista semântico temos
de vista da Gramática normativa' e analisado como uma palavra seja sem relação com o

Podemos dizer resumidamente que o supramento quanto é analisado do ponto
semântico

sempre presentes na prática de muitos juristas: uma abordagem a expressão de ideias e

Para com as essas afirmações gramaticais é realizado de fenômenos jurídicos

consequência (Mendes, 1999:20)

mostrando novos significados, uma forma diversificada de ver
juristas se baseiam das palavras, infere-se de processos legais
no âmbito de interpretação os fenômenos de significação

A PEDRA "NO MEIO DO CAMINHO"

Podemos retirar a palavra pedra do poema e analisá-la, sem que exista comprometimento algum para a gramática normativa com a análise do substantivo levando em conta a sua contextualização. A palavra pedra do ponto de vista sintático é classificável como um substantivo, pois o substantivo é palavra que dá nome aos seres em geral, aos que existem realmente ou aqueles criados por nossa imaginação. Na verdade o conhecimento da realidade está intimamente ligado ao conhecimento dos nomes das coisas que por acaso o formam. São portanto classificáveis como substantivo os nomes de pessoas, objetos, animais e vegetais sendo também os nomes de ações, qualidades e estado, quando tomados como seres.

Quanto a formação o substantivo pedra é enquadrado como sendo primitivo, isto, porque a palavra pedra não provém de nenhuma outra, não sendo portanto formada por afixos e muito menos sufixos, é a palavra na sua criação, ou seja ela é independente no que se diz respeito a sua criação. *O substantivo primitivo é aquele que não provém de outra palavra.* (Ernani e Nicola, 1995: 32)

No tocante a sua classificação o substantivo pedra é considerado concreto, uma vez que os substantivos concretos são os que se referem a seres materiais ou espirituais, reais ou fictícios e que tem existência própria. *Substantivos próprios são os que designam um indivíduo da espécie.* (Luff, 1990:44)

O substantivo pode ser quanto a flexão (desinência) de gênero e a desinência (morfema) {- a} para o feminino (lobo + - a ---- loba) em contraste com a ausência da marca (morfema zero:) para o feminino (pedra + 0 ---- pedra). Em palavras mais simples o gênero parte da oposição gênero gramatical / gênero natural (biológico), mera convenção linguística o primeiro, e designativo da categoria de sexo o segundo. Não podemos é claro confundir a oposição masculino / feminino gramatical (metafórico) com macho / fêmea.

No poema em questão o substantivo pedra é do gênero feminino não admitindo flexão para o masculino. *Quanto ao gênero gramatical, todos os substantivos são obrigatoriamente de uma ou de outra classe: ou masculinos ou femininos. "femininos são aqueles que impõe aos adjetivos variáveis(em gênero)a desinência{- a}.*

(Luff, 1990:43)

Quanto ao número parte-se da oposição contáveis / não contáveis, é contável o substantivo que admite a quantificação um só / mais de um (dois, três... muitos / poucos, todos), não contáveis são entre outros os ditos *abstractos*, enquanto tais (a fé/ as fés, inteligência...).

Os substantivos contáveis comportam a oposição singular plural = um só / mais de um; o singular pode também exprimir conjuntos de mais de um que se tomam como um todo nos substantivos ditos coletivos. No poema em análise o substantivo *pedra* se encontra no singular, pois a marca da oposição singular/plural é o /s/ (escrito s), contrastando com o zero (ausência da marca) no singular: *pedra* – singular ; *pedras* – plural. O plural dos substantivos terminados em vogal é formado pelo acréscimo da desinência -s. (Zrmani e Nicola, 1995:23)

O substantivo *pedra* também admite flexão de grau. Isso quer dizer que podemos indicar a variação do tamanho do ser que o substantivo representa, tendo como referência o grau normal, acrescentando a ele a idéia de aumento ou diminuição. Em sentido restrito, é a categoria do adjetivo o que no caso da palavra *pedra*, não acontece, pois o substantivo em análise não apresenta a idéia de aumento ou de diminuição, ou seja, não há a presença de adjetivos e muito menos de sufixos, isto significa dizer que não há a presença de gradação na palavra analisada. *Para os substantivos há a idéia de aumento ou diminuição das proporções do volume, o que se expressa por meio de adjetivos ou de sufixos.* (Luft, 1990)

No campo da semântica se analisarmos que o componente linguístico toma como ponto de partida os enunciados considerados fora de qualquer contexto e atribuí-les significações, perceberemos que frequentemente somos obrigados a admitir que uma mesma forma material manifesta vários enunciados distintos, diremos então nesse caso que ela é ambígua.

No caso específico do poema de Drummond de Andrade o nome pode ser considerado como um elemento necessário de qualquer demonstração. *Um gesto, por mais que possa orientar a atenção do destinatário para uma região do espaço, é incapaz, por si de apontar o que quer que seja.* (Ducrot, 1972:253)

O acréscimo ao gesto de um autêntico artigo indefinido no caso específico *uma* não diminuiria em nada a indeterminação. O ato da demonstração só se completa graças a presença de um nome, necessário para delimitar o objetivo indicado, o único método encontrado pelo poeta em delimitar o seu objeto principal dentro do poema foi o fato de ter especificado: *uma pedra*. Quando empregamos enunciados discursivos é possível utilizar mecanismos diversos para destacar o tema ou tópico que o poeta deseja salientar ou chamar atenção em geral o tema é o foco da predicação e do termo sobre o qual se diz algo:

Quando se analisa parte de um poema, é importante considerar o contexto em que ele se encontra. Isso porque a análise de uma parte isolada pode levar a interpretações equivocadas. Por exemplo, se analisarmos apenas uma estrofe de um poema, podemos perder a visão global da obra e suas nuances. Portanto, é essencial considerar o contexto literário e histórico ao analisar uma obra de arte.

Outro ponto importante é a questão da linguagem. A linguagem utilizada no poema pode ter conotações específicas que influenciam a interpretação. Por exemplo, o uso de metáforas e símbolos pode enriquecer o significado do texto, mas também pode torná-lo mais complexo e difícil de entender. Portanto, é importante estar atento à linguagem utilizada e tentar decifrar seu significado.

Além disso, é importante considerar a intenção do autor. O que o autor queria dizer com o poema? Qual era o seu objetivo? Essas perguntas podem ajudar a esclarecer a mensagem do poema e a entender melhor o contexto em que ele foi escrito.

Por fim, é importante lembrar que a análise de uma obra de arte é um processo contínuo e aberto. Não há uma única interpretação correta para qualquer obra de arte. Cada leitor pode ter suas próprias ideias e sentimentos sobre o poema, e isso é parte da beleza da arte. Portanto, é importante manter uma mente aberta e estar disposto a considerar diferentes perspectivas.

- (1) No meio do caminho tinha pedra
- (2) Tinha uma pedra no meio do caminho
- (3) Tinha uma pedra

Essa relação de tema/ predicação e repetição corresponde a relação existente entre sujeito/predicado: No meio do caminho , em (1), tinha uma pedra em (2) e tinha uma pedra em (3), são na verdade os focos das três predicações e nas sentenças correspondentes , são os respectivos sujeitos. No referido poema em análise notamos também que há uma inversão na 2ª estrofe:

- (4) tinha uma pedra no meio do caminho
- (5) no meio do caminho tinha uma pedra

Se tomarmos como exemplo desta inversão a palavra *caminho* de (4), perceberemos que está é apenas o mecanismo que destaca o tópico desejado pelo poeta, a palavra *pedra*, enquanto que em (5) a mesma palavra *caminho* tem uma utilização estilística diferente, pois agora ela é o tópico destacado pelo autor enquanto que a palavra *pedra* é quem assume a condição de mecanismo sustentador da palavra chave do enunciado.

Essa inversão ocorrida em (4) e (5) é usada pelo autor como manobras estilísticas, visando com isso trazer o leitor para seu próprio jogo . Assim, toda inversão de sentido é uma inovação Semântica que deve ser interpretada como um acontecimento histórico particular, que tem causas linguísticas próprias, condicionadas por um conjunto de circunstâncias que não só lhe dão origem , mas propiciam a sua difusão e generalização no uso da comunidade.

...As alterações Semânticas provém de três causas gerais linguísticas ,históricas e sociais – decorrentes de fatores ligados imprecisão intrínseca do sentido das palavras, a perda progressiva de consciência de suas origens etimológicas e a descontinuidade do processo de transmissão da linguagem. (Meillet, 1965:234)

Esta inversão ou substituição ou que acontece em (4) ou (2) não prejudica o valor da verdade quanto ao todo, apenas, dá ao enunciado o pressuposto significativo,

podendo por tanto, assumir uma infinidade de significações dentro dos infinitos contextos possíveis. Todas as palavras apresentam em sua acepção original um significado básico, no caso do poema em análise a repetição da palavra *caminho* e *Pedra*. A repetição da palavra *caminho* revela extensão ou ampliação de significados; por exemplo, o autor poderia estar se referindo a *caminho / futuro*, *caminho / direção*, *caminho / destino* e *caminho / objetivo*. Isto configura uma transferência de significados, ou seja o autor usa *caminho* mas na verdade poderia estar se referindo a qualquer um dos termos acima. Quanto a repetição da palavra *pedra*, revela por exemplo, que *pedra* nesse caso específico poderia se referir, a *pedra / acidente*, *pedra / obstáculo*, *pedra / acontecimento de natureza casual*, *pedra / problema*.

Todos os casos em que uma palavra passava a designar maior número de referentes do que em fases anteriores eram incluídos no processo de extensão ou ampliação de significados.
(Marques, 1999)

Na 2ª estrofe a uma substituição:

“nunca me esquecerei deste acontecimento”

A fim de dar vazão à afetividade e a emoção centradas num dado tema, no caso a *pedra no caminho*, ele toma acontecimento como núcleo da expansão Semântica, na criação de novos significados por meio da substituição. Pelos mesmos motivos de afetividade e emoção centradas num dado tema, é possível tomá-los como núcleo de atração Semântica, através de meios diversos de nomeá-los ou a ele fazer referências, em processos, e designações figuradas indiretas.

Podemos concluir que o substantivo assume uma forma diferente a da Gramática Normativa quando o analisamos do ponto de vista semântico, pois neste campo levamos em conta todo o seu contexto e supostos pressupostos, enquanto que na gramática normativa ficamos restritos a análise do termo quanto a sua catalogação gramatical.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentamos apresentar neste trabalho dois extremos completamente diferentes, porém o nosso objetivo era realmente mostrar como a gramática normativa de um lado e a semântica de outro, concebem o substantivo. Devemos ter consciência que a gramática normativa quando é trabalhada em nossas escolas, seguem-se sistematicamente as regras gramaticais, fixando sentidos e reduzindo outras formas e funcionamentos do substantivo que possam aparecer.

Nossa preocupação foi justamente contrapor a gramática normativa e semântica com o intuito de mostrar que apesar de serem extremos diferentes a semântica poderia com a sua flexibilidade dar ao estudo gramatical do substantivo um pouco menos de rigidez nas interpretações, possibilitando assim aos alunos analisar o contexto como um todo e suas possíveis interpretações, para depois partir para a análise única que a gramática nos possibilita.

possibilitar

possíveis interpretações' para que seja feita, para a análise que se faz a análise do
possibilitando assim aos alunos analisar o contexto como um todo, e assim
uma flexibilidade que no estudo gramatical do substantivo um ponto melhor de partida seja
com o intuito de mostrar que apesar de serem extremos diferentes a linguagem pode ser com a

Nossa preocupação foi justamente mostrar a linguagem nominal e analisar
como ela funciona.

analisando, tirando sentidos e reduzindo outras formas e funcionamento do substantivo que
nominais devem e parecem em nossas escolas seguem-se sistematicamente as regras
gramaticais de outro, concernem o substantivo. Devemos ter consciência que a linguagem
pode ser o nosso objetivo e a linguagem nominal como a linguagem nominal de um lado e a

temos que apresentar neste trabalho que existem completamente diferentes

Referencias Bibliográficas

Ducrot, Oswald . Princípios de Semântica Linguística ; editora Cultrix , São Paulo 1972.

Ernani, e Nicola . Curso prático de língua; editora Scipione, 2ª ed., São Paulo 1995.

Luft, Celso Pedro . Novo Manual de Portugues; editora Globo, 15ª ed. São Paulo 1990

**Maillet in Marques, Maria Helena Duarte; Iniciação a Semântica, editor Jorge Zahar, 4ª ed.
Rio de Janeiro 1999.**

**Pêchenx Michel; Semântica e discurso, tradução Eni Pulcinelli Orlandi ; Editora Unicamp ,
2ª ed. Campinas , SP. 1995.**

**Roudet, in Marques, Maria Helena Duarte; Iniciação a Semântica, editor Jorge zahar, 4ª ed.
Rio de Janeiro 1999.**

Saussure, Ferdinand de . Curso de linguística geral; editora cultrix, 25ª ed. São Paulo 1999

Yates, J. C. Curso de linguística geral, editora Cultrix, 32, ed. São Paulo 1999

Rio de Janeiro 1999.

Yates, J. C. Curso de linguística geral, editora Cultrix, 32, ed. São Paulo 1999

3, ed. Campinas, SP, 1992.

Yates, J. C. Semântica e discurso, tradução Emílio Priscione, editora Cultrix, 1999.

Rio de Janeiro 1999.

Yates, J. C. Curso de linguística geral, editora Cultrix, 32, ed. São Paulo 1999

Yates, J. C. Curso de linguística geral, editora Cultrix, 32, ed. São Paulo 1999

Yates, J. C. Curso de linguística geral, editora Cultrix, 32, ed. São Paulo 1999

Yates, J. C. Curso de linguística geral, editora Cultrix, 32, ed. São Paulo 1999

Referências Bibliográficas

ANEXOS

poema

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei deste acontecimento
na vida de minhas retinas, tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

(Drumond de Andrade)

